Três argumentos da crítica husserliana à fundamentação naturalista da história

Karine Boaventura Rente[1]

RESUMO

Esse artigo apresenta três argumentos relevantes da crítica de Edmund Husserl à fundamentação naturalista da história e das humanidades em geral. Em primeiro lugar, o texto apresenta a identificação, pelo fenomenólogo, da inadequação da atitude objetivista às ciências humanas proposta pela perspectiva naturalista dada a abstração e a explicação causal a ela inerentes, a qual é contrastada com a atitude personalista que tematiza as relações de motivação e a constituição de sentido humano adequada aos objetos das humanidades. Em segundo lugar, o texto trata da análise husserliana da proposta naturalista da psicologia psicofísica, enquanto fundamento suficiente das ciências do espírito, e sua contraposição à ideia de uma psicologia pura de base fenomenológica como alicerce adequado para a história e as humanidades em geral. Em terceiro e último lugar, o texto descreve a crítica de Husserl, em *Crise das ciências europeias*, à superficialidade da abordagem factual da história e seu modelo de explicação causal, além de destacar a necessidade de uma metodologia capaz de acessar o sentido interno e motivador intrínseco aos fenômenos históricos manifestos na crosta factual. Por meio desse percurso, o artigo pretende evidenciar a presença da discussão acerca do fundamento das ciências humanas e, especialmente, da história, no pensamento husserliano.

PALAVRAS-CHAVE

Husserl; História; Naturalismo; Atitude personalista; Psicologia fenomenológica.

[1] Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Lattes: 8764118384445632. E-mail: boaventurarente@gmail.com. ORCID: 0000-0001-5808-2086.

Three arguments presented in Husserl's critique of the naturalistic foundation of history

ABSTRACT

This article presents three relevant arguments from Edmund Husserl's critique of the naturalistic foundation of history and the humanities in general. First, the text presents the phenomenologist's identification of the inadequacy of the objectivist attitude to the human sciences proposed by the naturalistic perspective, given the abstraction and causal explanation inherent to it, which is contrasted with the personalist attitude that thematizes the relations of motivation and the constitution of human meaning appropriate to the objects of humanities. Secondly, the text deals with Husserl's analysis of the naturalistic proposal of psychophysical psychology as a sufficient foundation for the sciences of the mind and its contrast with the idea of a pure, phenomenologically based psychology as an adequate foundation for history and the humanities in general. Thirdly and finally, the text describes Husserl's critique, in *Crisis of European sciences*, of the superficiality of the factual approach to history and its model of causal explanation, as well as highlighting the need for a methodology capable of accessing the internal meaning and intrinsic motivation of historical phenomena manifested in the factual crust. Through this approach, the article aims to highlight the presence of the discussion about the foundation of human sciences and, especially, of history in Husserlian thought.

KEYWORDS

Husserl; History; Naturalism; Personalistic attitude; Phenomenological psychology.

Recebido: 26/06/2025
Aceito: 14/08/2025
Publicado: 03/04/2026

DOI: https://doi.org/10.59780/wucf3226

Esse artigo se propõe a apresentar três argumentos dentre os presentes na crítica de Husserl à fundamentação naturalista das ciências humanas e, em especial, da história, contemplando aqueles relativos à atitude, ao fundamento e aos resultados dessa vertente. O primeiro argumento contra o naturalismo nas humanidades consiste na descrição da inadequação da atitude objetivista das ciências naturais exatas aos objetos das ciências humanas. Esse argumento é acompanhado da apresentação da atitude personalista enquanto forma de engajamento adequada às humanidades, dado que permite a compreensão das relações de motivação e da constituição de sentido humano a serem tematizadas por essas ciências.

Após discutir a atitude pertinente à história e as humanidades em geral, o texto se dirige ao segundo argumento que consiste na recusa da fundamentação das ciências humanas por meio da psicologia psicofísica de orientação naturalista, ao explicitar a incapacidade desse modelo de estudo da vida mental com o esclarecimento da legalidade inerente à vida do espírito. Concomitantemente, o texto aponta para a alternativa proposta pelo fenomenólogo de fundamentar essas ciências por uma psicologia descritiva pura de base fenomenológica, em que a estrutura da vida do espírito possa ser clarificada.

Por último, o terceiro argumento apresentado, em discordância com a fundamentação naturalista da história, consiste na reflexão acerca dos resultados desse modelo de explicação causal dos fenômenos históricos. Aqui o fenomenólogo denuncia a superficialidade da acepção naturalista da história, considerando que o sentido interno e a unidade desse âmbito são ambos ignorados na tentativa de explicação deles por meio da causalidade. Por conseguinte, esse artigo lida com parte da crítica husserliana à fundamentação naturalista das humanidades, descrevendo a impossibilidade de compreensão dos fenômenos do espírito baseada na natureza abstraída e, complementarmente, apontando para o caminho construído pelo fenomenólogo para a compreensão desses fenômenos conforme à constituição a eles inerente.

A inadequação da atitude objetivista às humanidades e a alternativa atitude personalista[2]

O texto *Reflexões sobre a relação entre o segundo, baseado na psicologia, e o terceiro, baseado nas humanidades, caminhos para a consciência pura*, apêndice XVII da Husserliana XIII datado de 1910, trata da correta atitude a ser empregada nas humanidades. Neste texto, Husserl (1973) esclarece que as abordagens da consciência por meio da atitude objetivista e da

[2] O texto opta por unificar os termos atitude subjetiva e atitude personalista com base na substituição do termo atitude subjetiva por atitude personalista por Husserl, no Apêndice XVIII da Husserliana XIII (1973, p. 91).

atitude personalista se distinguem: a primeira explica o homem recorrendo a leis causais enquanto parte da natureza abstraída; a segunda compreende o homem por meio de leis de motivação como sujeito pessoal constituidor do mundo e constituído no mundo.

Aqui a atitude personalista é caracterizada por compreender a subjetividade como dotada e produtora de significado humano ao tematizar a vida interna de consciência e seu contexto de motivação. Ela se contrapõe à atitude objetivista que contempla unilateralmente a subjetividade na sua expressão externa enquanto fato a ser causalmente explicado.

Assim, o tratamento do outro, possibilitado pela atitude personalista, permite compreender o homem enquanto sujeito de motivação em relação com a sua realidade a partir de sua vida de consciência, tematizando a motivação como legalidade presente nessa vinculação considerando o contexto interno composto por valores, prioridade, relações de afeto etc., em que algo pode motivar alguém a agir de determinada maneira. Como resultado, o texto aponta que a ciência conforme à atitude personalista se dirige à subjetividade buscando a compreensão do porquê das ações realizadas através do esclarecimento dos fatores que agem na motivação a elas intrínseca.

Essa atitude personalista é identificada pelo fenomenólogo como a via para o desenvolvimento das humanidades diante da sua adequação ao tratamento das questões relativas ao espírito ausente na atitude naturalista. No contexto das humanidades, a motivação se refere àquilo que permite que uma pessoa tenha efeito sobre a outra com base em entendimento recíproco entre os pares que se estabelece de maneira constante e característica, sendo a história e as demais ciências humanas aquelas que deveriam compreender, reconstruir e descrever as relações de influência presentes em seus objetos considerando o contexto motivacional que justifica o desenvolvimento presente.

Por exemplo, o conhecimento de uma comunidade histórica na atitude personalista pode ser alcançado por meio da reiteração dos aspectos da vida, *e.g.*, crenças, experiências e interpretações que compõem o contexto motivador das tomadas de decisões e ações relevantes para o seu desenvolvimento, o qual seria inacessível, se ela fosse considerada superficialmente restrita ao dado empiricamente, como ocorre na atitude objetivista.

De acordo com esse posicionamento, a atitude personalista é suficiente no campo das humanidades porque o mundo de cultura, tema das humanidades, está disponível propriamente enquanto mundo da experiência subjetiva por ela abarcada. Caberia ao pesquisador de cultura, a exemplo do historiador, apenas buscar as motivações e os contextos subjetivos da reciprocidade humana, em seus efeitos mútuos e suas influências motivadoras.

Em suma, a atitude personalista é apontada como adequada e suficiente para tratar os problemas da história e demais humanidades pela compatibilidade de sua abordagem às questões pertinentes ao espírito humano em contraposição à atitude objetivista.

> As ciências humanas consideram a mente em relação ao que a rodeia. A natureza, o mundo espaço-temporal, tudo isso continua sendo postulado. Não é colocado fora de jogo de uma maneira fenomenológica. Mas o interesse científico visa à investigação das diferentes maneiras pelas quais o sujeito-eu se relaciona com o mundo, o mundo que é para ele – presenciar, julgar, valorizar, querer, agir –; como ele se comporta com as coisas, com os outros seres humanos com os quais o sujeito-eu tem que se relacionar e com os quais ele tem em comum o mundo-coisa como um mundo ambiente unificado. [...] Aqui, as coisas e os seres humanos não são investigados de acordo com o que simplesmente são em sua natureza empírica; em vez disso, os seres humanos passam a ser considerados como sujeitos que se encontram "no" mundo, que, ao mesmo tempo, está "contra" eles. Como tais sujeitos, eles "se relacionam" com o mundo, que eles tornam presente ao julgar, valorizar e desejar, em suma, ao tomar uma posição ou abster-se de tomar uma posição (Husserl, 1973, p. 97-8, trad. livre).[3]

A crítica à fundamentação naturalista da história e demais ciências humanas está presente em *Ideias II* com a diferenciação das características inerentes aos objetos tematizados pelas humanidades e pelas ciências da natureza. Husserl (1991) aponta que a perspectiva naturalista das humanidades interpreta erroneamente as questões humanas, em analogia às naturais, projetando nelas as características dos entes naturais e a legalidade causal a eles atribuída, ignorando assim que não é o papel das humanidades explicar causalmente o natural, mas, sim, clarificar a realidade do espírito a partir da sua legalidade interna que é a motivação.

Nessa obra, o fenomenólogo apresenta o campo das humanidades nos termos da realidade espiritual constituída a partir do mundo circundante, enquanto esfera de influência pessoal regida pela motivação. As humanidades são ciências necessariamente de caráter pessoal voltadas, por meio da empatia, para aquilo que rege as associações entre pessoas e seus correlatos com a finalidade de clarificar as diferentes unidades interpessoais.

---

[3] *Die Geisteswissenschaft betrachtet den Geist in Beziehung auf seine Geistesumgebung. Die Natur, die raumzeitliche Welt, das alles bleibt gesetzt, es wird nicht phänomenologisch ausser Spiel gesetzt. Aber das wissenschaftliche Interesse geht auf die Erforschung der verschiedenen Weisen, wie das Ichsubjekt sich zur Welt, die Welt für sein Vorstellen, Urteilen, Werten, Wollen, Handeln ist, verhalt, zu den Dingen, zu seinen Nebenmenschen, mit denen es verkehrt und mit denen es die Dingwelt als einheitliche Umwelt gemein hat: jeder Mensch gehört zur Umwelt des anderen.* [...] *Die Dinge und Menschen kommen also jetzt nicht in Forschung als das, was sie sch1echthin sind nach ihrer empirischen Natur, sondern die Menschen kommen in Betracht als Subjekte, die sich se1bst „in" der Welt finden, die zug1eich ihr Gegenuber ist, und sich zur Welt, als von ihnen vorgestellte, urteilend, wertend, wollend, kurz, Stellung nehmend oder sich der Stellung enthaltend „verhalten", als Subjekte, die sich zu ihren umweltlichen Dingen verhalten, sich zu ihren Genossen verhalten, auf sie in Mittei1ungen, in speziell an sie adressierten Akten der Liebe, des Vertrauens, des Zuspruchs, der Anrede, des Befehls etc. Bezug nehmen, mit ihnen in „Verkehr" treten, mit ihnen zusammen1eben in der Einheit eines sozialen Lebens, mit aktiver und reaktiver Wechseleinigung oder einseitiger Bezogenheit.*

Em conformidade a essa definição dos objetos das humanidades enquanto realizações pessoais e seus correlatos experienciados e constituídos por sujeitos pessoais, a explicação causal característica das ciências naturais exatas se mostra como incompatível com o domínio desses objetos, cobrando um novo modelo que seja capaz de tratar da motivação enquanto força motriz das relações de caráter pessoal e interpessoal. Portanto, as ciências humanas tematizam em seu escopo objetos distintos daqueles tratados pelas ciências da natureza que não podem ser esclarecidos por meio da explicação causal da atitude naturalista, mas, sim, na compreensão da motivação da atitude personalista.

Além da incompatibilidade da atitude objetivista com os objetos das humanidades, essa obra denuncia que a perspectiva objetivista é fundada em um processo de abstração que elimina justamente o característico à vida do espírito que tem como correlato a ideia de natureza. Para Husserl (1991), diferentemente das ciências naturais exatas, as ciências humanas movidas pela atitude personalista são descritas como orientadas pela crença natural para investigar as relações de motivação que conduzem as ações e as relações dos sujeitos pessoais situados no mundo natural aí experienciado como dado.

A abordagem característica das humanidades visa à compreensão da motivação essencialmente inacessível à investigação causal. A motivação não pode ser explicada por meio de leis naturais captáveis após a substrução matemática do mundo, dado que seu objeto é acessado mediante uma compreensão intuitiva voltada às pessoas e ao mundo circundante desvinculado da interpretação objetivista. Esta anula justamente aquilo que aquelas ciências visam esclarecer.

Novamente, a empatia é apontada como elemento fundamental da possibilidade de desenvolvimento das ciências humanas, uma vez que viabiliza o acesso às demais subjetividades no que pertence à vida espiritual alheia. Isso inclui a motivação que direciona a ação em relação ao mundo e aos outros, aquilo que fora apontado justamente como principal objeto da história e das demais ciências humanas explicativas, considerando também a possibilidade de estabilidade da motivação na habitualidade e a variação da motivação conforme a individualidade de cada pessoa.

Assim, à distinção entre os objetos das ciências naturais e das ciências do espírito se soma a diferenciação entre as abordagens específicas a cada campo do conhecimento. Nas últimas, a atitude personalista se destaca enquanto a mais adequada para tratar dos objetos de estudo das humanidades.

> Toda ciência procede de uma base natural; ou melhor, toda ciência se baseia em uma base. A ciência natural lida com a realidade e com os nexos reais-causais; a ciência humana investiga o ser e a vida pessoal natural e os nexos da vida pessoal (ego-vida, ativa e passiva). Os "mundos" das ciências naturais e humanas são correlativos e não são de forma alguma incompatíveis. O mundo-da-vida das pessoas escapa à ciência natural, embora esta investigue a totalidade das realidades, pois mesmo a teoria mais sutil da ciência natural não toca o mundo-da-vida, e isso simplesmente porque a direção temática do pensamento que o cientista natural segue é um caminho teórico que se afasta da realidade da vida, deixando-a para trás logo no início, e só voltando a ela na forma de tecnologia e na forma de uma aplicação da ciência natural à vida (Husserl, 1991, p. 374, trad. livre).[4]

Conforme apresentado acima, a perspectiva husserliana acerca das humanidades em geral e da história indica que a atitude personalista se apresenta como perspectiva mais adequada aos problemas do mundo humano em contraste com a atitude naturalista. Thomas Seebohm (2012) reforça a diferença da atitude personalista em relação à objetivista apontando que, na primeira, as relações apenas entre pessoas e entre pessoas e coisas não se mostram de maneira causal como na segunda; mas, sim, como relações de motivação referidas ao mundo natural, não à natureza abstraída, nas quais o sujeito pessoal julga, avalia, distingue e orienta sua conduta em relação àquilo ou àquele que para ele se apresenta na sua vida de consciência.

Nesse sentido, Dermot Moran (2015) descreve que a atitude personalista a ser empregada nas humanidades lida com o mundo natural pessoal vivenciado na cotidianidade enquanto relativo, subjetivo e intersubjetivo distante da neutralidade e objetividade visada na atitude naturalista. Nessa atitude adequada às ciências humanas, a subjetividade surge através da empatia enquanto constituída no mundo e constituidora de mundo por meio de atos pessoais, interpessoais e das relações de motivação com o mundo circundante (Moran, 2014); e não, à maneira da atitude naturalista, nos termos de mero objeto psicofísico do qual é abstraída justamente a esfera espiritual tematizada nas humanidades (Moran, 2008).

Deriva-se da distinção entre os objetos de cada atitude a separação dos objetivos almejados pelas ciências guiadas por cada uma delas. No caso da história, a ciência orientada pela atitude personalista se direciona para a compreensão da historicidade interna aos fatos, esclarecendo os sentidos e metas que motivam os sujeitos históricos. Já o modelo naturalista da

[4] *Vom natürlichen Boden geht jede Wissenschaft aus, besser: auf ihm steht sie. Die Naturwissenschaft geht auf Realität und die realkausalen Zusammenhange, die Geisteswissenschaft auf das natürliche personale Sein und Leben und die personalen Lebenszusammenhange (Ichleben, leidend und wirkend). Natur- und Geisteswelt sind korrelative, sich nicht störende „Welten". Der Naturwissenschaft, obschon sie das All der Realitäten erforscht, entschlüpft die Lebenswelt der Personen, sie berührt nicht die subtilste naturwissenschaftliche Theorie, und einfach darum, weil die thematische Gedankenrichtung des Naturforschers von der Lebenswirklichkeit aus einem theoretischen Strom folgt, der sie gleich zu Beginn und erst in der Form der Technik und so jeder naturwissenschaftlichen Anwendung im Leben zu ihr zurückführt.*

disciplina trata da factualidade histórica explicada de maneira causal em conformidade com a abordagem característica de matematização da crença natural (Moran, 2013). Logo, nota-se que, na perspectiva do fenomenólogo, os objetos e os objetivos visados pela história e as demais humanidades encontram na atitude personalista o caminho para a sua realização, em contraste com a atitude naturalista que não se adequa a esse campo de conhecimento.

A psicologia pura como fundamento da história em contraposição à psicologia psicofísica

Em *A psicologia pura e as ciências humanas, história e sociologia* (1910), texto do primeiro volume de *Sobre a fenomenologia da intersubjetividade*, a psicologia pura é indicada como caminho de fundamentação das humanidades em oposição àquela psicofísica naturalista. Esse projeto de desenvolvimento de uma psicologia pura que fundamente as humanidades é descrito como uma abordagem desvinculada do paradigma objetivista – que visa a descrição da consciência pura em conformidade com aquilo acerca dela disponível na reflexão –, de maneira que não haja a necessidade de recorrer à crença natural e à interpretação causal psicofísica do homem enquanto unidade entre mente e corpo físico nessas ciências.

Nesse sentido, a estrutura intencional 'empatia' viabiliza o tratamento do outro na psicologia pura. Essa estrutura explicita a percepção por meio da qual um corpo alheio aparece como corpo somático, análogo àquele diretamente disponível na qualidade de próprio para quem reflete na experiência mediata da subjetividade alheia, enquanto fato psíquico puro independente da realização de inferência acerca da existência objetiva do outro.

Através dessa explicitação, a intersubjetividade aparece como compatível ao campo de atuação da psicologia pura, incluindo no campo da factualidade subjetiva de sua competência as demais subjetividades com as quais a consciência própria está em comunicação, seja essa comunicação restrita às percepções do corpo das quais irradia o conhecimento das motivações internas alheias ou, sobre essa base, o uso superior de mediação linguística. Assim determinada a psicologia pura, cabe analisar como essa psicologia poderia fundamentar a história e demais humanidades.

A fundamentação da história pela psicologia pura, garantida pelo acesso às demais subjetividades por meio da empatia à vida de consciência alheia, viabiliza a proposição de um modelo de história distinto do naturalista de base psicofísica. Husserl (1973) interpreta que os fatos da cultura característicos do domínio da história podem ser compreendidos a partir da perspectiva da psicologia pura, através da análise da motivação intrínseca aos atos que lhes

deram origem. Essa possibilidade se sustentaria a partir da capacidade empática de compreensão dos estados e caráteres alheios, com base na experiência direta daqueles presentes na própria subjetividade em correlação com suas manifestações corpóreas.

Os fatos da cultura, no modelo de história baseado na psicologia pura, seriam abordados considerando o seu significado cultural enquanto aparecendo para a consciência na forma de atos e objetos, sem que o seu tratamento se baseie na caracterização deles enquanto processos ou coisas naturais aí dados em conformidade com o modelo de explicação naturalista.

Conforme esse novo paradigma, a história se desenvolveria como história descritiva ou história narrativa voltada para seus objetos enquanto aparecem na vida pura de consciência de maneira individual, intersubjetiva e comunitária; de maneira que sejam considerados nos termos de objetos intencionais da consciência e não objetos aí dados na natureza a serem explicados causalmente.

Aqui o modelo de história, fundamentado na psicologia, se configura pelo direcionamento para o contexto da vida pura de consciência de maneira descritiva e narrativa, sem aderir à crença natural que caracteriza as ciências de orientação objetivista.

> De um ponto de vista puramente psicológico, posso até determinar descritivamente os fatos da cultura, como as ciências, as artes etc., ou seja, analisando-os em relação às motivações da consciência nas quais eles surgiram como resultados de ações. As coisas nelas que poderiam ser designadas como natureza, ou seja, as coisas que exibem uma forma cultural, embora sejam objetos naturais, como objetos da física e da psicofísica, não são precisamente consideradas nesse último aspecto, não são investigadas, não são cientificamente determinadas à maneira da ciência "objetiva". Em vez disso, esses temas são considerados apenas como objetos intencionais da consciência. Assim, empreendemos uma "história" descritiva [*Historie*], uma história narrativa [*Geschichte*] da vida pura da mente [...], mas a ciência histórica [*historische*] da vida da mente não é uma ciência da natureza: pertence à essência da mente postular a natureza; pertence à sua essência alcançar a consciência que tem o caráter de "percepção da natureza", etc. (Husserl, 1973, p. 89-90, trad. livre).[5]

Essa discussão acerca do desenvolvimento da psicologia pura de caráter descritivo como fundamento das humanidades é retomada na obra *Psicologia fenomenológica* (1925/1968) por

[5] *Deskriptiv kann ich sogar Kulturfakta, wie Wissenschaft, Kunst etc. unter rein psychologischem Gesichtspunkt beschreiben, nämlich analysieren hinsichtlich der Bewusstseinsmotivationen, in denen sie als Ergebnisse von Handlungen entstanden sind. Was hieran als Natur angesetzt werden konnte, die Dinge, die Kulturform haben als Naturobjekte, als Objekte der Physik und Psychophysik wird in dieser Hinsicht eben nicht angesetzt, nicht erforscht, nicht wissenschaftlich bestimmt in Art „objektiver" Wissenschaft; nur als intentionale Gegenständlichkeit des Bewusstseins kommen sie in Frage. So treiben wir also deskriptive „Historie", Geschichte des reinen Geisteslebens* [...], *aber die historische Wissenschaft vom Geistesleben ist nicht Wissenschaft von der Natur: Zum Wesen des Geistes gehört es, Natur zu setzen, zu seinem Wesen gehört es, Bewusstsein zu vollziehen, das den Charakter „Wahrnehmung von Natur" hat usw.*

meio da comparação da formulação adotada com as propostas de Brentano e Dilthey acerca dessa disciplina.

Primeiro, Husserl (1968) reconhece Dilthey como precursor da crítica à aplicação do método das ciências naturais exatas às humanidades por meio do apontamento da incompatibilidade dos dois campos de conhecimento. O hermeneuta interpretava que a experiência necessária para as primeiras detinha um caráter externo voltado para a explicação da causalidade vigente na natureza, e as segundas eram de caráter interno acessível diretamente nas vivências para compreensão do nexo psíquico.

A despeito do reconhecimento da relevância da separação das ciências da natureza e das ciências humanas proposta por Dilthey, o fenomenólogo aponta que a definição da psicologia descritiva, defendida por seu contemporâneo como base das humanidades, entrava em conflito com a finalidade que ela visava desempenhar. Isso ocorre porque, considerada a limitação da psicologia descritiva dilthiana a uma descrição da experiência interna individual, ela alcança apenas generalidades de tipo biológico, resultando em uma história natural descritiva da vida psíquica de um homem normal; não em leis universais que possam ser aplicadas posteriormente para fundamentar o campo das humanidades.

De maneira similar, o fenomenólogo se refere à ideia de psicologia descritiva de Brentano para diferenciar dela seu próprio conceito da disciplina, a despeito da inspiração advinda de seu professor para tratar dessa matéria. Husserl (1968) esclarece que a disciplina na perspectiva adotada não se caracteriza como mera classificação descritiva das espécies de consciência nos termos brentanianos; mas, sim, como o tratamento descritivo e analítico da consciência enquanto intencionalidade que visa considerar as suas categorias de objetos, modos e formas de síntese na sua estrutura ideal, necessária e idêntica.

Assim, a perspectiva husserliana de fundamentação das ciências humanas em uma psicologia descritiva não se filia às concepções da disciplina defendidas por Dilthey e Brentano, que se mostram como insuficientes para esse papel.

> Essa psicologia *a priori* (eidética-intuitiva) só foi possível depois que a peculiaridade da análise intencional, das implicações intencionais, foi concretamente estabelecida e realizada em alguns segmentos; mas isso foi feito inicialmente com intuição ingênua e antes de qualquer questão relativa ao seu significado empírico ou *a priori*. Mas vocês já devem ter notado que foi exatamente esse ponto que deu à análise psicológica descritiva de *Investigações lógicas* um caráter essencialmente diferente daquele da psicologia descritiva e analítica, que Dilthey havia exigido com o interesse das

> ciências socioculturais históricas e sistemáticas, e um caráter também diferente daquele da psicognosia de Brentano (Husserl, 1968, p. 39-40, trad. livre).[6]

Por fim, a relação entre a psicologia descritiva e a fenomenologia é explicitada revelando que a segunda fundamenta a primeira e, de modo último, também as humanidades em geral, ao responder por problemas que antecedem a abordagem empírica da consciência.

Diante da insuficiência das concepções de psicologia descritiva de Dilthey e Brentano, Husserl (1968) apresenta uma solução aos problemas verificados nelas por meio da fundamentação dessa psicologia descritiva na fenomenologia transcendental, buscando obter a resolução dos problemas epistemológicos, intrínsecos ao psíquico, no campo da subjetividade transcendental.

Nesse sentido, a fenomenologia husserliana se apresenta como ciência *a priori* da subjetividade transcendental, cujas explicitações podem se transmitir em paralelo à psicologia descritiva que fundamenta as ciências humanas. Tal concepção está presente desde *Investigações lógicas*, que encontra uma expansão no texto de *Ideias*.

Diante da constatação da relevância dos resultados alcançados, no âmbito da fenomenologia, para a formação de uma psicologia pura apta a fundamentar as humanidades, o fenomenólogo denuncia o equívoco de vertentes da psicologia que ignoram o esclarecimento da intencionalidade realizado em sua teoria.

Para o fenomenólogo, o conteúdo de uma psicologia científica, seja ela de cunho individual ou social, e mesmo de toda ciência sociocultural explicativa, dentre elas a história, *consiste em uma ciência fenomenológica e* a priori *essencial do psíquico*. Logo, a fenomenologia transcendental se configura como fundamento último das ciências humanas, ao ser classificada como base para o desenvolvimento da psicologia pura de caráter descritivo que alicerça as humanidades. Pois possibilita a transferência de resultados e a solução de problemas epistemológicos.

Portanto, a crítica à fundação das humanidades pela psicologia psicofísica se estabelece por meio do esclarecimento da inviabilidade de clarificação da legalidade inerente à vida espiritual, objeto das ciências humanas, pela acepção naturalista da psicologia; em contraste

[6] *Diese apriorische (eidetisch-intuitive) Psychologie war erst möglich, nachdem die Eigenart intentionaler Analyse, intentionaler Implikationen konkret herausgestellt und in Stücken durchgeführt war; das aber zunächst in naiver Anschaulichkeit und vor aller Frage nach ihrer empirischen oder apriorischen Bedeutung. Sie merken aber schon, daß sie es gerade ist, die der deskriptiv psychologischen Analyse der „Logischen Untersuchungen" einen wesentlich anderen Charakter gab als den der beschreibenden und zergliedernden Psychologie, welche DiIthey im Interesse der historischen und systematischen Geisteswissenschaften gefordert hatte, und auch einen anderen als der der Brentanoschen Psychognosie.*

com a compatibilidade presente na psicologia pura de base fenomenológica. Aron Gurwitsch (1966) sintetiza o papel idealizado por Husserl para a psicologia descritiva, fundamentada fenomenologicamente, nos termos de esclarecimento das realizações da vida mental, às quais competem, entre outros, a ciência, a arte, a religião e a história.

Contudo, o autor destaca que o modelo moderno de psicologia, a despeito da ampla adesão, mostra-se incapaz de cumprir sua função, não apenas no estágio de desenvolvimento vigente à época, mas de modo geral, por ignorar a natureza intencional da consciência e a impossibilidade de tratá-la analogamente à natureza.

Essa psicologia pura, embasada na fenomenologia, dedicara-se a esclarecer a natureza essencial da vida de consciência enquanto intencionalidade, em uma disciplina apriorística, na construção de um sistema conceitual para esse campo de estudo. Nessa construção, obter-se-ia o desenvolvimento do sistema conceitual faltante na tipologia dilthiana e dos meios teoréticos para o objetivo brentaniano de descrever os atos intencionais na complexidade específica dos objetos culturais, em sua dimensão histórica e intersubjetiva.

Logo, nota-se que a fenomenologia é retratada como fonte última de fundamentação das humanidades, ao ser descrita como base da psicologia pura que endereça os atos mentais relevantes para as humanidades. Assim, ela oferece uma alternativa mais adequada à fundamentação das ciências humanas pela psicologia naturalista, e aos demais modelos de psicologia descritiva.[7]

A superficialidade da abordagem naturalista no tratamento da história

Em *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*, a crítica husserliana ao modelo científico objetivista, que reduz a produção de conhecimento às ciências de fato com base na interpretação da realidade enquanto natureza, assume protagonismo entre os temas da obra. Husserl (1976) reflete, na primeira parte da obra, acerca da transformação ocorrida no significado da ciência para a humanidade, relacionada ao advento do modelo científico positivista. Essa transformação consiste na substituição das questões últimas e profundas, tratadas no âmbito da metafísica com a finalidade de responder pelo sentido da

[7] Lohmar (2022) esclarece que a pergunta acerca da possibilidade de fundamentação fenomenológica das humanidades ganha impulso no pensamento de Husserl já desde 1905/1906 motivada pelo encontro com Dilthey, em que a fenomenologia descritiva é identificada com o fundamento psicológico necessário às ciências humanas pelo hermeneuta, questionamento que encontra posteriormente como resposta afirmativa que o esclarecimento eidético da mente se apresenta como fundamento último da psicologia empírica e das humanidades em geral, incluindo a história, cuja realização é possível no escopo da fenomenologia.

existência humana, por aquelas questões relativas à explicação da natureza física e psicofísica com a finalidade de domínio técnico voltadas para a objetividade factual.

Tal transformação rompe com a expectativa, presente desde os primórdios da filosofia, de que a ciência forneceria um sentido racional à vida humana individual e coletivamente. Com esse novo modelo científico objetivista, inicia-se uma cisão na história do desenvolvimento da razão, que se divide entre aqueles que acreditam e os que não acreditam que a ciência seja a via de resposta às questões últimas da humanidade.

Diante dessa ruptura, o fenomenólogo aponta para o recurso à história como ferramenta para a autocompreensão daquele que se vincula à filosofia, permitindo o esclarecimento daquilo que caracteriza essencialmente essa instituição e o seu papel em relação à humanidade em geral. Tal esclarecimento trata da história a partir do método retrospectivo histórico-crítico, voltado para o sentido motivador interno aos fatos endereçados superficialmente na abordagem naturalista. Dessa maneira, o tema da história aparece como aspecto central de *Crise* e manuscritos relacionadas à elaboração da obra sendo atravessado pela discussão acerca do método adequado para a compreensão profunda da história.

Nesse sentido, a obra contém uma crítica específica à limitação da abordagem factual da história, para além da oposição geral ao paradigma objetivista das ciências e sua aplicação no campo das ciências humanas em geral, a partir da fundamentação pela psicologia psicofísica.

Estabelecendo um contraste entre o método da história factual e aquele visado na abordagem retrospectiva proposta, o fenomenólogo explicita que os fatos históricos tematizados pela história factual (*Tatsachengeschichte* ou *Tatsachenhistorie*)[8], de maneira exclusivamente objetiva e considerados através de uma explicação causal da relação entre eles, representam, para a abordagem retrospectiva, uma crosta superficial a ser perfurada mediante uma consideração crítica da factualidade, para que se compreenda o sentido a ela intrínseco.

Além do apontamento da superficialidade do horizonte factual e da necessidade de um engajamento crítico acerca da história, Husserl (1976) acrescenta que a correta tematização dos fenômenos históricos deve estar voltada para a unidade na qual os acontecimentos estão situados em uma consideração crítica dessa totalidade. Essa tematização permitiria interpretá-

[8] Ao tratar da história factual, o fenomenólogo oscila entre os termos *Tatsachengeschichte* (*e.g.* HUA VI, p. 381; HUA XXIX, p. 281, 403-404) e *Tatsachenhistorie* (*e.g.* HUA VI, p. 381; HUA XXIX, p. 234-44), inclusive utilizando no mesmo texto as duas variantes em *A questão da origem da geometria como um problema histórico-intencional*. De acordo com Moran (2013, p. 118), Husserl utiliza os termos *Geschichte* e *Historie* como sinônimos sem atribuir um significado específico a cada um deles. Ambos os termos aparecem no tratamento da história factual criticada, quanto na história retrospectiva de sentido defendida pelo fenomenólogo no contexto de *Crise* (*e.g.* HUA VI, p. 313).

los em relação ao sentido que motiva o seu desenvolvimento, em contraste com a abordagem naturalista orientada por um recorte limitado.

Nesse sentido, as conclusões obtidas por meio da metodologia prescrita estariam vinculadas à unidade intencional relativa ao sentido interno do fenômeno manifesto empiricamente. Tal unidade não pode ser acessada ou questionada por meio do recurso exclusivo à esfera factual, independentemente do volume de evidências a serem empregadas e de sua natureza descritiva ou de testemunho autobiográfico, dadas as diferentes esferas em que os esclarecimentos são realizados (Husserl, 1976, p. 73-4).

Assim, a história factual usual, derivada da perspectiva naturalista de fundamentação da disciplina, estaria situada em uma camada superficial e insuficiente de compreensão da história, que inviabiliza o acesso à unidade de sentido motivadora oculta e determinante da sua manifestação empírica.

> Não uma visão externa, a partir do fato, como se o devir temporal em que nós mesmos nos tornamos fosse uma mera sucessão causal externa, mas uma visão interna. [...] Não a conquistamos através da crítica de qualquer sistema atual ou tradicional, de uma "visão de mundo" científica ou pré-científica (no final, até mesmo chinesa), mas apenas a partir de uma compreensão crítica da unidade total da história da nossa história. [...] Significa reviver o conceito sedimentado, que é o fundamento natural do seu trabalho privado e a-histórico, no seu sentido histórico oculto (Husserl, 1976, p. 72-3, trad. livre).[9]

Em texto complementar à obra *Crise*, denominado *Para o método de reflexão histórica*, esse método retrospectivo a ser empregado para a compreensão da história é desenvolvido em contraposição à crítica ao método, de origem naturalista, de análise da história. Husserl (1993) propõe um modelo científico de história, distinto daquele oriundo da abordagem naturalista, o qual tematiza a historicidade interna oculta na manifestação objetiva. Assim, ultrapassa a camada superficial tratada pela história de fundamentação naturalista, bem como ultrapassa os fatos para alcançar seu sentido interior.

Essa nova orientação metodológica, proposta a partir do desvinculamento da história do fundamento naturalista, permite o acesso à dimensão do humano intrínseco ao desenvolvimento histórico, no contexto de comunidade de menor ou maior extensão; afasta da figura do

[9] *Ein Erschauen nicht von Außen her, vom Faktum, und als ob das zeitliche Werden, in dem wir selbst geworden sind, ein bloß äußerliches kausales Nacheinander wäre, sondern von Innen her. [...] Wir gewinnen sie nicht durch die Kritik irgendeines gegenwärtigen oder altüberlieferten Systems, einer wissenschaftlichen oder vorwissenschaftlichen "Weltanschauung" (am Ende gar einer chinesischen), sondern nur aus einem kritischen Verständnis der Gesamteinheit der Geschichte unserer Geschichte. [...] Es heißt, die sedimentierte Begrifflichkeit, die als Selbstverständlichkeit der Boden seiner privaten und unhistorischen Arbeit ist, wieder lebendig zu machen in seinem verborgenen geschichtlichen Sinn.*

historiador a interpretação da história como análoga à natureza matematizada e ao lugar de neutralidade derivado dessa interpretação.

Conforme esse novo modelo, em consonância com as críticas anteriores à fundamentação da história e das humanidades no paradigma naturalista, o conhecimento histórico resultante da abordagem retrospectiva caracteriza-se como conhecimento pessoal similar ao que orienta a condução da vida prática, sem fazer que se utilize da abstração característica das ciências naturais exatas acerca do mundo compreendido como natureza, e sem visar à objetividade dos resultados obtidos por essas ciências no campo da história.

Portanto, o conhecimento genuíno da história é descrito como incompatível com a abordagem naturalista da disciplina rejeitando, em sua acepção profunda, a superficialidade, o objetivismo e a neutralidade característicos da fundamentação criticada.

Por fim, a história derivada da fundamentação naturalista é caracterizada como incompatível com o desenvolvimento de uma disciplina pura que permita alcançar a compreensão da unidade e da estrutura interna da história. Husserl (1993) argumenta que a história pura visada – que tem como objetivo o despertar da memória oculta da humanidade, em um elevado nível de compreensão da unidade da história e da sua estrutura interna – é incompatível com a abordagem naturalista histórica factual. A última se orienta pelas noções de espaço-temporalidade e de causalidade inerentes ao paradigma objetivista, impedindo a abordagem dos fenômenos históricos em conformidade com a sua constituição própria e incompatível com a da natureza abstraída.

Visando a construção de uma história pura, o historiador deveria estar voltado para o que é invariante na factualidade, e não para a factualidade em si, por meio de um método alheio à explicação causal que se adeque ao campo da história. Assim, ultrapassaria a explicação da história por meio de uma causalidade factual ingênua, com o direcionamento para a verdade intrínseca ao desenvolvimento histórico, que assume os fatos apenas como ponto de partida dos estudos históricos.

Por fim, o fenomenólogo indica a crítica, interna ao movimento de fundamentação naturalista da história, ao entendimento de que há uma dimensão ideal intrínseca ao desenvolvimento histórico. Esta crítica é combatida por meio da afirmação da presença de um horizonte ideal na história, relativo às motivações que moldam aquilo que manifesta factualmente, cuja presença é ignorada na perspectiva naturalista, caracterizando esta abordagem como superficial.

Logo, a história, conforme o paradigma naturalista, apresenta-se como caminho inviável para a compreensão da história pela interpretação desse campo como análogo à natureza e pela negação da dimensão ideal que não se compreende no escopo desse modelo de ciência.

> Agora que estamos esclarecidos sobre a realização da ciência histórica, que tem como campo temático o universo dos fatos históricos, isto é, todos os fatos que se decidem no nosso horizonte histórico atual, mas que são desconhecidos, não reconhecidos, embora acessíveis ao conhecimento apurador, procuramos demonstrar o direito "científico" das questões históricas no mesmo sentido, que transcendem esta totalidade de uma história factual-científica. Não nos dissuade o fato de os historiadores do nosso tempo (sob a influência do ceticismo que os domina) estarem inclinados a considerar a ciência dos fatos históricos (no sentido que acabamos de descrever) como a única ciência, de rejeitarem todas as tentativas de identificar "ideias" na história como poderes que supostamente governam os seus fatos em segredo como ficções ou, o que equivale à mesma coisa, de as deixarem às especulações da filosofia. [...] Como qualquer outra investigação histórica, esta baseia-se, naturalmente, na interpretação filológico-arqueológica e na crítica dos documentos e dos métodos de transmissão (Husserl, 1993, p. 243-4, trad. livre).[10]

Portanto, a última fase do pensamento husserliano reitera a crítica à fundamentação naturalista da história, ao diagnosticar a insuficiência e a superficialidade dos resultados obtidos por esse modelo da disciplina detido à explicação causal da factualidade histórica.

Moran (2014) identifica como fundamento da crítica husserliana à abordagem factual da história, em *Crise*, a constatação da negligência característica da abordagem de orientação naturalista em relação à dimensão interna de sentido e à estrutura essencial aplicadas ao campo da história. Essas esferas – interna e essencial – são preteridas em relação à manifestação fática passível de explicação causal, ainda que essas dimensões de natureza ideal sejam fundantes de constatação empírica na história. O autor afirma que a compreensão dos fatos históricos, na perspectiva husserliana, depende da explicitação do *a priori* da história e da essência interior à manifestação factual. Por meio dessa explicitação, é possível alcançar a superação da ingenuidade quanto aos fenômenos históricos, característica da abordagem naturalista, ao solucionar os problemas relativos à unidade e à estrutura geral da história.

---

[10] *Nachdem wir uns klar sind über die Leistung der Geschichtswissenschaft, die das Universum der geschichtlichen Tatsachen zum thematischen Feld hat, also alle die Tatsachen, <die> in unserem ständigen historischen Horizont beschlossen, aber unbekannt, unerkannt, obschon der feststellenden Erkenntnis zuganglich sind, versuchen wir das in einem gleichen Sinne „wissenschaftliche" Recht historischer Fragen aufzuweisen, die diese Totalität einer tatsachenwissenschaftlichen Historie überschreiten. Wir lassen uns nicht davon abschrecken, dass die Historiker unserer Zeit (unter dem Einfluss der diese beherrschenden Skepsis) geneigt sind, die Wissenschaft von den historischen Tatsachen (in dem soeben beschriebenen Sinn) als die einzig wissenschaftliche gelten zu lassen, dass sie alle Versuche, „Ideen" in der Geschichte als angeblich deren Tatsächlichkeiten im verborgenen regierende Machte, entweder als Fiktionen ablehnen oder, was zumal auf dasselbe hinauskommt, den Spekulationen der Philosophie überlassen.* [...] *Wie sonstige historische Forschung, so ruht auch diese selbstverständlich auf dem Untergrund philologisch-archäologischer Interpretation und Kritik der Dokumente und Überlieferungsweisen.*

Em concordância com Moran, Carr (2014) destaca que a interpretação husserliana do campo da história se afasta da compreensão naturalista da disciplina, concebida nos termos da explicação causal da factualidade histórica; aponta um novo caminho a ser prosseguido nos estudos históricos, que enderece o sentido intrínseco e a estrutura essencial à manifestação fática. Conclui-se que a compreensão da factualidade histórica depende da explicitação da estrutura e do sentido da história inacessíveis à abordagem naturalista, de modo que o modelo naturalista da história se revela como inadequado e insuficiente ao negligenciar aspectos fundantes mesmo da esfera que pretende responder.

Considerações finais

Conforme o estabelecido acima, esse artigo assinala o tratamento do problema da fundamentação das humanidades e, em especial, da história ao longo do pensamento de Edmund Husserl enquanto uma questão relevante discutida de maneira crítica e propositiva.

Nesse sentido, o texto destaca o movimento de crítica do fenomenólogo à fundamentação naturalista da história e das demais humanidades, desenvolvido em direções distintas, porém convergentes, em diferentes momentos do desenvolvimento da produção intelectual de Husserl. Este objetivo foi realizado por meio da descrição dos argumentos relativos à inadequação da abordagem naturalista das ciências do espírito no que tange à atitude empregada, à fundamentação por meio da psicologia psicofísica e à superficialidade dos resultados por ela obtidos.

Encontra-se, como elemento comum aos diferentes sentidos da crítica à fundamentação naturalista da história e das demais ciências humanas, a incompatibilidade do paradigma das ciências naturais exatas ao campo dos fenômenos da vida do espírito. Para além do viés crítico enfatizado ao longo texto, nota-se que a oposição à perspectiva naturalista das humanidades é complementada por uma análise propositiva que aponta para a fenomenologia transcendental como fundamento da história e das demais ciências humanas.

REFERÊNCIAS

CARR, David. Husserl and classical German philosophy on history. *In*: FABBIANELLI, Faustino; LUFT, Sebastian (org.). *Husserl und die klassische deutsche Philosophie*. Cham: Springer, 2014, p. 229-41. https://doi.org/10.1007/978-3-319-01710-5.

GURWITSCH, Aron. Edmund Husserl's conception of phenomenological psychology. *The review of metaphysics*, Washington, v. 19, n. 4, p. 689–727, jun. 1966.

HUSSERL, Edmund. *Die Krisis der europäischen Wissenschaft und die transzendentale Phänomenologie*: eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie. Haia: Martinus Nijhoff, 1976.

HUSSERL, Edmund. *Die Krisis der europäischen Wissenschaft und die transzendentale Phänomenologie*: Ergänzungsband Texte aus dem Nachlass. Dordrecht: Springer, 1993.

HUSSERL, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*: phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution. Dordrecht: Springer, 1991.

HUSSERL, Edmund. *Phänomenologische Psychologie* [1925]. Haia: Martinus Nijhoff, 1968.

HUSSERL, Edmund. *Zur Phänomenologie der Intersubjetivität*. Erster Teil: 1905-1920. Haia: Martinus Nijhoff, 1973.

LOHMAR, Dieter. Elements of the foundation of the humanities (*Geisteswissenschaft*) in Husserl's Work. *In*: ANTONUCCI, Elio; CAVALLARO, Marco; BREYER, Thiemo (org.). *Perspectives on the philosophy of culture*. Darmstadt: WBG, 2022, p. 99-119.

MORAN, Dermot. Defending the transcendental attitude: Husserl's concept of the person and the challenges of naturalism. *Phenomenology and mind*, n. 7, p. 30-43, dez. 2014. https://doi.org/10.13128/Phe_Mi-19531.

MORAN, Dermot. Die verborgene Einheit intentionaler Innerlichkeit. Husserl on history, life and tradition. *Alter*, n. 21, p. 117-34, nov. 2013. https://doi.org/10.4000/alter.889.

MORAN, Dermot. Everydayness, historicity and the world of science: Husserl's life-world reconsidered. *In*: UČNÍK, Ľubica; CHVATÍK, Ivan; WILLIAMS, Anita (org.). *The phenomenological critique of mathematisation and the question of responsibility*. Cham: Springer, 2015, p. 107-31. https://doi.org/10.1007/978-3-319-09828-9_8.

MORAN, Dermot. Husserl's transcendental philosophy and the critique of naturalism. *Continental philosophy review*, v. 41, p. 401-25, dec. 2008. https://doi.org/10.1007/s11007-008-9088-3.

SEEBOHM, Thomas. Husserl on the human sciences in *Ideen II*. *In*: EMBREE, Lester; NENON, Thomas (org.). *Husserl's* Ideen. Dordrecht: Springer, 2012, p. 125-40. https://doi.org/10.1007/978-94-007-5213-9_8.